



IMAGENS-LEMBRANÇAS DE UMA CONQUISTENSE

Margareth Correia Fagundes Costa¹

INTRODUÇÃO

Henri Bergson (1999)² propõe que, enquanto matéria, somos um conjunto de imagens e da relação matéria/imagem esse autor extrai a teoria da subjetividade e, para tanto, traz a noção de intervalo de movimento, intervalo de indeterminação que nos leva a liberdade para agir. É justamente atentando-me para essa possibilidade que busco permitir o fluxo de indeterminação para evidenciar pequenos fragmentos das minhas imagens-lembranças.

Ressalto, porém, que, se nos prendermos ao fato do homem ser tentando à padronização, à utilidade - requisitos da modernidade, essas lembranças podem ser a primeira vista “inúteis” - não interessariam a outrem. No entanto, pelo olhar da abertura, revelam que somos seres de memória no sentido bergsoniano e que, portanto, este recorte de memória, que será compartilhado, faz parte de um mundo subjetivo e simbólico, cabendo ao leitor, ao entrar nesse mundo - apresentado pela autora, trilhar seu próprio mundo, evocando sua própria duração e suas lembranças.

Assim, este texto trata-se de um recorte de lembranças mais amplas feitas noutro momento, mas aqui apresenta-se de maneira resumida e, portanto, contém os tópicos: Memória e as imagens-lembranças; Imagens-lembranças de uma conquistense - especificamente nuances do meu transitar por Vitória da Conquista e, a seguir, uma breve consideração final.

MEMÓRIA E AS IMAGENS-LEMBRANÇAS

1 Professora Mestre do Departamento Ciências Humanas, Educação e Linguagem DCHEL/UESB; Doutoranda do curso Memória: Linguagem e Sociedade PPGMLS/UESB.

2 Trata-se da tradução feita por Paulo Neves, 2 ed. Editada pela Martins Fontes da obra original (1939) em Paris.



Ao trabalhar a subjetividade, Bergson (1999) nos diz que o fundamento da subjetividade é a memória e que numa dimensão ontológica essa memória não é psíquica e sim cósmica: ela é duração e enquanto tal, o homem trafega numa gigantesca memória. Assim, a memória é representada na forma de *imagens-lembranças* aquela que diz respeito a tudo que experienciamos ao longo da vida, pela qual é possível situar ambientes, datas, acontecimentos etc.

As imagens-lembranças tornariam possível o reconhecimento no nível do intelecto de uma percepção experimentada e dela faríamos uso quando nos propuséssemos recobrar nossa vida. Mas, ressalta Bergson que toda percepção prolonga-se em ação. Nesse sentido, vislumbra-se a noção de hábito: as imagens se fixam e se alinham e os movimentos que as continham modificam o organismo e criam novas disposições para agir e esse esforço de armazenamento e ação é ainda memória, conforme (BERGSON 1999, p. 89).

Ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças, que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela ainda merece o nome de memória já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seus.

A partir dessa perspectiva de memória, apresentada acima, é possível depreender que a memória-lembrança aparece como uma conservação do passado no presente, sendo o presente uma síntese do passado e a memória, por sua vez, se faz perceber em nossos gestos, atitudes, posturas e na identidade, ressaltando porém que essa 'individuação' – termo preferido por Bergson, está sempre em construção. Para Bergson, as lembranças se conservam no tempo da virtualidade coexistindo com o presente e então temos o seguinte entendimento: *o passado é, e o presente é devir* tal como mostra Bergson (1999, p.178) na imagem do cone invertido em que a base A B representa o passado e o vértice S representa o presente que avança em cessar.

IMAGENS-LEMBRANÇAS DE UMA CONQUISTENSE

Nesse momento, trago imagens-lembranças do meu transitar pela cidade de Vitória da Conquista e, como aponta Bergson, por movimento de 'contração seletiva' evidencio



que as ruas, as praças, as casas conquistenses são partes das minhas memórias e as reverencio quando, tranquilamente ou na correria da vida, ando pelas ruas da minha querida Vitória da Conquista.

Nesse momento, dando um ‘salto no passado’ que coabito quero recordar algumas casas. Casa simples da avó materna, (somente imagem interna) acolhedora da dolorosa infância, cujo endereço sempre soube de cor, parte da minha identidade. De lá, escuto vozes de tio Sílvio, tia Aquiléa, Vó Nenê e de Sá Amélia, no correr dos dias, a cantar³: *Oh! Jardineira por que estás tão triste? Mas o que foi que te aconteceu? Foi a Camélia que caiu do galho, Deu dois suspiros e depois morreu...*

A seguir, apresento o casarão antigo da avó paterna: sombrio, corredor, quartos e quinquilharias. Lembro agora da bananeira, das hortas, dos copos de leite, das rosas, das ervas-doces, dos “cozinhados”; da varanda em cujo balaústre ouvia minha irmã, inspirada pelo azul do céu, cantarolar: *“hoje eu acordei com saudades de você...”*; da cozinha grande, do fogão de lenha... Tempos idos?! - Não, não creio!! Pelo menos para mim.



Figura 1: Casa da família de Claudionor Austríiliano Fagundes de Souza (vô Nonô).

Neste texto, rememoro casas, casinhas e casarões, testemunhas dos meus sonhos infantis. Vivendo o fluxo da vida, a despeito da força e da fraqueza, somos mesmo chamados a seguir, e, por volta dos quinze anos, a caminho do Instituto Diocesano de Conquista as casas encantavam-me. - Praça das Borboletas!!! Ainda peguei o viveiro e um pequeno parque, mas quero mesmo é falar das casas.



Figura 2: Casas antigas que admirava, no trajeto para a escola.

A seguir, apresento a casa da família de Leôncio Correia de Santos Melo em frente ao antigo Jardim das Borboletas. (Nos meus sonhos de menina queria morar aqui, pois era bem em frente à praça que eu tanto amava). Esta casa esteve presente em meus sonhos de adolescência, pois se ali morasse estaria próxima ao cinema Madrigal. Saúdo-o com muito carinho, por ter sido o *point* da minha geração e de tantas outras. Creio que é preciso reverenciar o Madrigal: imagem- lembrança de muitos conquistenses.



Figura 3: Casa da família de Leôncio Correia de Santos Melo



Figura 4: foto do antigo Cine Madrigal em Vitória da Conquista

Dentre as casas que observava enquanto transeunte, destaco, a seguir, a casa da família de Jeremias Gusmão Cunha casarões antigos na praça Tancredo Neves. Na minha imaginação infantil, essa casa, com vestígios Barroco, era uma espécie de bolo confeitado: imponente, majestosa, inacessível.



Figura 4: Casa da família de Jeremias Gusmão Cunha



Figura 5: Casarões antigos na praça Tancredo Neves.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens aqui mostradas fazem parte da minha subjetividade e são reveladoras da minha ligação afetiva com a cidade de Vitória da Conquista, pois nossa constituição é resultante dessa simbiose entre o mundo virtual e o mundo real: simbiose movente, flutuante - sempre em construção. Assim, essas lembranças, tendo em vista o princípio da coexistência, proposto por Bergson, revelam que cada momento é atual/ virtual; percepção/ lembrança e o passado é contemporâneo ao presente que está passando.

Palavras-chaves: Bergson. Subjetividade. Imagens-lembranças. Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. – 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.

_____. **Ensaio sobre dados imediatos da consciência.** Lisboa: Ed.70, 1988 Trad.



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

João da Silva Gama – Textos filosóficos.

_____. **Evolução criadora.** São Paulo: Martins fontes. 2005 [Trad. De Bento Prado Neto].

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.